

O TEMPO NA FOTO DA GELADEIRA **THE WEATHER IN THE FRIDGE PHOTO**

Carina Baia Rodrigues

Tenho pensado muito no tempo que passa e no tempo que já passou. Às vezes me parece que, em algum ponto dessa linha contínua da vida, a infância me deixou. Não foi uma despedida tranquila. Foi rápida, quase brusca. E ainda hoje isso me assusta.

Queria voltar ao tempo que habita aquela foto pendurada na geladeira. Eu, sentada na mureta do pátio de casa, envolvida no abraço que era também abrigo, o meu pai. Era simples assim. Eu, uma criança com sua mamadeira, sem preocupações maiores do que o colo paterno.

Hoje, tudo é urgente.

A vida é urgente.

O trabalho é urgente.

Os afazeres são urgentes.

O menino na escola é urgente.

O trânsito, os prazos, os processos, o comer, o dormir.

Na cabeça, a mesma palavra se repete, como um eco que não cessa.

Urgente.

Ando tão exausta que, às vezes, mal consigo respirar.

E me pergunto onde se encontra tempo para sustentar esse ritmo.

Na ampulheta da vida, a areia escorre entre meus dedos finos e cansados. O tempo vai se afastando, como quem segue adiante sem olhar para trás, sem sequer me chamar para acompanhá-lo.

Eu queria driblar o tempo.

Queria voltar aos meus dias de moleca, quando caminhava pela avenida Ubaldo Figueira de mãos dadas com meu pai. Era a programação de todos os domingos. Missa na igreja matriz e, depois, a travessia da rua até a praça. Ele com seu tacacá, eu com minha fatia de bolo de chocolate.

Essa é uma das minhas lembranças mais queridas.

E, naquela época, eu nem pensava no tempo.

Hoje, eu precisei desacelerar.

Não foi escolha. Eu, tão tomada pela rotina, jamais teria colocado o pé no freio por vontade própria.

Mas a vida impôs outro ritmo.

Meu pai adoeceu.

E passou a precisar que eu fosse, agora, o seu abraço. O seu abrigo.

Nossas caminhadas até a igreja deram lugar a caminhos até o hospital. Consultas. Exames. Internações. Cirurgias. Quimioterapia. Uma rotina pesada. Uma travessia difícil.

E, tantas vezes, eu só queria poder aliviar teu fardo, pai. Te levar de volta àquele tempo guardado na foto da geladeira, quando os dias ainda cabiam dentro de um abraço e o corpo não conhecia o cansaço.

Um dia, entre uma consulta e outra, você me disse:

- Filha, a gente nunca tinha saído para almoçar fora, só nós dois.

Aquilo me atravessou.

Na correria da vida, eu nunca tinha parado para isso.

Agora eu paro.

Paro e fico.

Por quantos dias forem necessários.

Eu te dou o meu tempo.

Esse tempo que antes era tão apressado, tão ocupado, tão distraído.

Quem sabe ainda seja possível reinventá-lo. Torná-lo mais gentil. Mais inteiro.

Agora, eu só queria mais tempo.

Queria o tempo na foto da geladeira.

Queria o tempo que não passa.

Queria que o abraço que sempre foi meu abrigo pudesse me acompanhar
pelo resto dos meus dias.